

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica*. Aparecida: Editora Santuário, 2010.

Islã: religião e civilização

Tarcísio Vanderlinde*

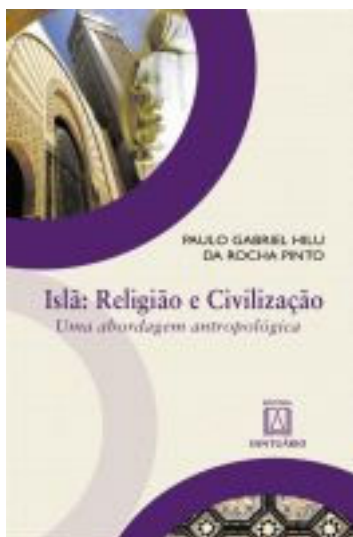
O Islã é complexo e heterogêneo. Esta pode ser uma conclusão ao ler a “viagem antropológica” de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto pelo mundo muçulmano. Para além das divisões sectárias entre Sunitas e Xiitas, existe uma enorme variedade nas formas de se interpretar, praticar e vivenciar o Islã que se percebe nos diferentes grupos sociais e tradições culturais que compõem o mundo muçulmano (p.23). Uma delas refere-se ao equívoco de imaginarmos o árabe como sinônimo de muçulmano. Os árabes não são exclusivamente muçulmanos e nem demograficamente dominantes naquele universo religioso.

Para além da dicotomia entre Xiismo e Sunismo ocorrem ênfases teológicas distintas no Islamismo. Chama atenção as práticas islâmicas Sufistas, que ocorrem principalmente na Síria, onde costuma ocorrer procissões e cultos populares de santos e milagres. A festa dos santos no Islamismo não conta com apoio de outras correntes religiosas islâmicas, sendo proibida pelo wahhabismo, corrente predominante na Arábia Saudita (p.25). O Sufismo enquanto corrente religiosa mística do islamismo, mereceu um estudo a parte do autor e é considerada por outras

correntes como sendo um desvio do “verdadeiro” Islã. Por outro lado, admite-se que o Sufismo constitui um quadro de referência simbólica e normativa que influenciou a religiosidade de praticamente todos os setores das sociedades muçulmanas (p.116). O Sufismo pode ser identificado como um Islã místico aberto a sincretismos e ressignificações de valores religiosos.

O véu é considerado um símbolo icônico do Islã, mas que também apresenta grande variedade de interpretações e usos de acordo com contextos culturais específicos. Em países como Arábia Saudita, Irã e Sudão, o véu é obrigatório para todas as mulheres, as quais procuram afirmar sua autonomia em relação à regra estatal negociando os limites do permissível em termos de moda e convivência. Já em países como a Turquia, Tunísia e Síria, o uso do véu é desencorajado pelo Estado. Nestes locais a adoção ou não de diversos estilos de véu expressa uma interpretação específica do Islã e uma relação pessoal tanto com a religiosidade quanto com a modernidade estatal (p.28-29).

A trajetória histórica do profeta Muhammad é revisitada a partir de



diversas fontes demonstrando a influência judaica e cristã na formulação da teologia muçulmana inicial. O autor demonstra que a emergência do Alcorão provocou o surgimento de um “árabe literário” universal do novo mundo religioso. Foi através dele que o árabe tornou-se uma língua literária passível de servir como veículo para a vasta e variada produção cultural e artística da civilização árabe-islâmica (p.46).

A questão dos cinco pilares do islamismo não passa despercebida pelo autor. Os cinco pilares formam os elementos constitutivos daquilo que a maior parte dos muçulmanos reconhece como a tradição central do Islã: profissão de fé (*shahada*), as cinco orações diárias (*salat*), a doação de esmolas (*zakat*), o jejum durante o mês sagrado do Ramadã (*sawm*) e a peregrinação a Meca (*hajj*). O autor demonstra, contudo, que estas práticas religiosas não vão ser homogêneas nas diversas correntes islâmicas, contudo permite o exercício de procedimentos que identificam uma grande comunidade Islã, a *umma*.

O autor qualificou o Sunismo e o Xiismo como as principais correntes. Segundo ele, estas teriam sido originadas num processo que se iniciou no século VII com as divergências entre diferentes grupos sobre as regras de sucessão na liderança da comunidade muçulmana e culminou na definição de tradições religiosas distintas. A consolidação da fronteira sectária entre o Sunismo e o Xiismo teria se dado através da produção de diferentes doutrinas e rituais e sua organização em sistemas normativos próprios a cada uma das duas tradições. No caso do Sufismo, não poderia ser considerado uma nova fronteira sectária por se identificar como uma corrente doutrinária

presente tanto no Sunismo como no Xiismo (p.97).

Os séculos XIX e XX identificam-se como anos de crise e reforma no mundo islâmico. O século XIX teria sido marcado por um amplo movimento de reforma religiosa que se estende aos tempos atuais. As transformações tecnológicas, sociais e culturais que afetaram o mundo islâmico no século XIX traduziram-se em modificações profundas na dinâmica do tecido religioso do Islã. Alguns movimentos reformistas identificados pela reforma xiita e o movimento wahhabista só se configuraram como correntes religiosas de importância suprarregional no século XX (p.133). Contudo, parece ser a militância, globalização e pluralização do Islã nos séculos XX e XXI o fragmento que mais chama atenção na obra do autor. No contexto se destaca o surgimento da Irmandade Muçulmana fundada no Egito em 1928.

O projeto dos Irmãos Muçulmanos é marcado por um discurso de autenticidade cultural expresso através do Islã construído em oposição à cultura estrangeira que havia sido trazida para o Egito através do contato colonial com a Europa e de certa forma alimenta a retórica de determinados interesses islâmicos ainda no tempo presente. A situação vivida por determinadas regiões islâmicas fazem emergir uma exegese social dos textos sagrados que se assemelha à Teologia da Libertação ocorrida na América latina nos anos de 1960. A Revolução Iraniana marcaria o zênite do Islã político, pois identificaria a estréia de um movimento revolucionário que toma o poder para constituir um Estado islâmico (p.147-158).

As novas tecnologias interferem na difusão dos preceitos islâmicos e a partir da última década do século XX, a

ideia de sociedade islâmica deixou de ser associada à conquista do Estado para ser vista como um resultado gradualmente alcançado pela reforma moral dos indivíduos. O discurso moral sobre a sociedade passou a deslocar o discurso centrado no Estado do Islã político. *Ulemas* e *shaykhs* recuperam sua importância como produtores de significados culturais (p. 166-167).

A individualização religiosa ganha força no mundo muçulmano no início do século XXI. Esta individualização pode ser percebida no reverso da Jihad global caracterizada pelos atentados espetáculos, quando Bin Laden, Zawahiri e Sulayman Abu Ghaith comentam o atentado de 11 de setembro de 2001 em uma caverna do Afeganistão. O cenário faz referência à Sura da Caverna, do Alcorão. Nessa sura encontra-se a história de Domentes de Éfeso, que diante da perseguição dos pagãos, se retiraram para uma caverna de onde saíram para anunciar o poder de Deus e urgir os habitantes da cidade a seguirem as regras divinas (p.182). A jihad globalizada movida a violência espetáculo pode ser considerada como mais uma das diversas configurações do Islã contemporâneo. Contudo, além de ter que disputar seu espaço com as outras interpretações e práticas do Islã, a linguagem da jihad também está sujeita aos processos de fragmentação, individualização e constante

ressignificação simbólica que marcam a dinâmica religiosa e cultural do mundo muçulmano no início do século XXI (p 121).

Em conclusão merece atenção o capítulo que discute os novos espaços do Islã na Europa e no Brasil. No caso específico das comunidades muçulmanas no Brasil, seria válido afirmar que as fronteiras identitárias não delimitam apenas arenas de pertencimento étnico, mas também distintas formas de imaginação religiosa que permitem aos muçulmanos comunicarem suas diferenças culturais dentro do universo semântico do Islã. A integração cultural defendida por alguns autores no caso do islamismo parece carecer de sustentação pela valorização da língua árabe entre brasileiros convertidos ao islamismo. A conclusão do autor é que os brasileiros que se convertem ao Islã buscam um sistema religioso que lhes dê uma inserção nas diferentes esferas locais, nacionais e transnacionais de produção de sentido no mundo contemporâneo (p.219).

A visão antropológica do autor contribui para uma discussão pertinente para quem quiser começar a navegar no fascinante e inesperado universo islâmico, bem como ao iniciado que busca neste tipo de leitura um aperfeiçoamento para estudos identificados com temáticas religiosas e culturais.



* **TARCÍSIO VANDERLINDE** é Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor adjunto D da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.